



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH CURSO
DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MARIA FERNANDA DOS SANTOS SOUSA

***A DRAMATIZAÇÃO SOCIAL, DESIGUALDADE E CONFLITOS NO
ROMANCE FOGO MORTO DE JOSÉ LINS DO REGO***

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2023

MARIA FERNANDA DOS SANTOS SOUSA

***A DRAMATIZAÇÃO SOCIAL, DESIGUALDADE E CONFLITOS NO
ROMANCE FOGO MORTO DE JOSÉ LINS DO REGO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Área de concentração: Letras e Humanidades.

Orientador: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719d Sousa, Maria Fernanda dos Santos.

A dramatização social, desigualdade e conflitos no romance "Fogo morto" de José Lins do Rego. [manuscrito] / Maria Fernanda dos Santos Sousa. - 2023.

25 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Fabio Pereira Figueiredo , Departamento de Letras - CH. "

1. Romance. 2. José Lins do Rego. 3. Desigualdade social. 4. Capitalismo. I. Título

21. ed. CDD 401.41

MARIA FERNANDA DOS SANTOS SOUSA

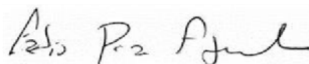
*A DRAMATIZAÇÃO SOCIAL, DESIGUALDADE E CONFLITOS NO
ROMANCE FOGO MORTO DE JOSÉ LINS DO REGO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Área de concentração: Letras e Humanidades.

Aprovada em: 01/12/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo
(Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dra. Ana Paula Lima Carneiro
(Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima
(Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

És um senhor tão bonito

Quanto a cara do meu filho

Tempo tempo tempo tempo

Vou te fazer um pedido [...]

(Maria Bethânia, Oração ao tempo)

RESUMO

Este Artigo visa um estudo detalhado da obra-prima *Fogo Morto* (1943), de José Lins do Rego, este romance regionalista apresenta o declínio dos engenhos nordestinos de cana-de-açúcar, traçando um perfil decadente de amplitude e elementos estéticos diante de uma dramatização narrativa envolvendo uma transição mercantilista para uma economia capitalista. Tratando-se da cana-de-açúcar *Fogo Morto* (1943) apresenta o fechamento dos engenhos e a degradação humana frente à modernização. Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo analisar como a literatura regionalista ocupou um conjunto de práticas culturais durante as primeiras décadas do século XX, a partir do romance de José Lins Do Rego, fornecermos diálogos com alguns teóricos, dentre os quais se destacam Chaguri (2009), Garcia (1989), Schwarz (1992), Damatta (1992) dentre outros. Esta obra é riquíssima em caracterização da sedimentar dos procedimentos artísticos, revelando de forma dinâmica a realidade da atividade açucareira, os personagens são dotados tradicionalmente como tipos representantes de um grupo social que evidencia dramaticamente uma exposição de forte psicologismo, visualizando uma complexidade e ao mesmo tempo uma analogia do declínio sócio-econômico da região, Assim é demonstrado nesse romance uma combinação das esferas social e subjetiva, assumindo assim a superação do didatismo e rigidez, separando a ficção de obras brasileiras dos anos trinta em cenários regionais, ou seja, social-regional e psicológicointimista, encenando sempre formas contundentes do tema de decadência, abrindo então lugar para a modernização e conquistas tecnológicas. Espera-se com esse artigo alcançar a forma como o autor José Lins Do Rego fala sobre as práticas culturais da sociedade açucareira no nordeste para construir sua narrativa.

Palavras-chaves: Romance. José Lins do Rego. Desigualdade social. Capitalismo.

ABSTRACT

This article aims at a detailed study of the masterpiece *Fogo Morto* (1943), by José Lins do Rego, this regionalist novel presents the decline of northeastern sugar cane mills, tracing a decadent profile of amplitude and aesthetic elements in the face of a narrative dramatization involving a mercantilist transition to a capitalist economy. In the case of sugar cane *Fogo Morto* (1943) presents the closure of mills and human degradation in the face of modernization. Therefore, this research aims to analyze how regionalist literature occupied a set of cultural practices during the first decades of the 20th century, based on the novel by José Lins Do Rego, providing dialogues with some theorists, among which Chaguri stands out (2009), Garcia (1989), Schwarz (1992), Damatta (1992) among others. This work is very rich in characterization of the sedimentary artistic procedures, revealing in a dynamic way the reality of the sugar activity, the characters are traditionally presented as representative types of a social group that dramatically highlights an exposition of strong psychologism, visualizing a complexity and at the same time an analogy of the socio-economic decline of the region, This demonstrates in this novel a combination of the social and subjective spheres, thus assuming the overcoming of didacticism and rigidity, separating fiction from Brazilian works of the thirties into regional scenarios, that is, social- regional and psychological intimate, always staging forceful forms of the theme of decadence, then opening space for modernization and technological achievements. This article hopes to reach the way in which the author José Lins Do Rego talks about the cultic practices of the sugar society in the northeast to construct his narrative.

Keywords: Romance. José Lins do Rego. Social inequality. Capitalism.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 7 |
| O ROMANCE REGIONALISTA <i>FOGO MORTO</i>..... | 9 |
| O DECLÍNIO DOS ENGENHOS DE CANA-DE-AÇÚCAR NORDESTINOS..... | 10 |
| CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DOS PERSONAGENS NA TRAMA..... | 12 |
| VALORES ÉTICOS, MORAIS E RELIGIOSOS DE CADA PERSONAGEM DO TEXTO EM QUESTÃO..... | 16 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 22 |
| REFERÊNCIAS | |

Introdução

José Lins Do Rêgo é considerado um dos principais escritores da literatura brasileira na década de 1930. Romancista da decadência dos senhores de engenho, as suas obras se baseiam nas lembranças de como era o nordeste com essa atividade açucareira. O autor tem seu obrado “ciclo da cana-de-açúcar” dividida em: *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *Usina* (1935), *O Moleque Ricardo* (1936) e depois de sete anos *Fogo morto* (1943). Considerado a obra prima de José Lins Do Rêgo “*Fogo morto*” é um romance regionalista que mostra o declínio dos engenhos nordestinos e traça também o perfil de cada personagem vivido naquela época, pessoas decadentes que dependiam dessa atividade econômica.

O livro *Fogo morto* (1943), é uma visão dos processos das mudanças sociais e econômicas no nordeste. O mesmo é dividido em três partes: “O Mestre José Amaro”, “O engenho de Seu Lula” e “Capitão Vitorino Carneiro De Cunha”.

Nesse aspecto pretende-se abordar a obra *Fogo morto* não somente pela tendência social-regional, que fora associado. Mas também evidenciar a realidade decadente dos engenhos. Dessa forma, a nossa pesquisa decorre do contato prévio com os trabalhos sobre José Lins do Rego e seus romances regionalistas. Ao nos inclinarmos sobre tal bibliografia, percebemos que é recorrente a ênfase dada ao mundo do engenho na perspectiva das relações patriarcais, especialmente naquelas que apontam para interpretações centradas na decadência da sociedade açucareira, nas questões de gênero e de conflitos étnico-raciais que geralmente a explicam. A cultura regional era uma das grandes preocupações do Centro Regionalista do Nordeste e do Movimento, que ao redor dessa associação se estabeleceu, percebendo-a como elemento definidor de uma identidade regional (Azevedo, 1984). Compreendendo que, quando muito, os autores e pesquisadores apenas utilizam as manifestações culturais a título de exemplificação para dar corpo aos trabalhos que desenvolvem, ou seja, as práticas culturais não são problematizadas em sua historicidade própria.

Portanto, através da instância narrativa e da configuração dos personagens, o modo como o romance assimila o aspecto histórico social, as descrições da realidade envolvente, que muitas

vezes apresentam um caráter mais criativo, mais direto, ainda assim não documental, aos aspectos psicológicos e subjetivos a fim de apresentar de forma mais autêntica o tema da decadência e sofrimento caracterizando o cotidiano do engenho e das pessoas que viviam ali. Levamos em consideração a ideia de que “todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido ao seu mundo.” (Hunt, 1992, p. 25).

Em termos metodológicos, optamos pela leitura da obra *Fogo Morto*, da qual selecionamos algumas abordagens: práticas culturais, religião e poder. Para dialogarmos essa narrativa literária, empregaremos as sugestões de Chaguri (2009), Garcia (1989), Schwarz (1992), Damatta (1992) dentre outros.

Estruturalmente este trabalho divide-se em três capítulos, o primeiro busca expressar como era a década de 1930 segundo o romance, o segundo capítulo corresponde em uma apresentação sobre a estruturação sobre o mesmo e o terceiro capítulo trata-se sobre a análise da loucura frente ao declínio com os principais personagens, José Amaro, Coronel Lula, Capitão Vitorino.

O ROMANCE REGIONALISTA “FOGO MORTO”

Antônio Candido classifica o movimento Regionalista como um Regionalismo Crítico: em contraversão ao regionalismo pitoresco que enaltecia o desenvolvimento potencial de uma nova pátria, sendo que esse regionalismo ressentido apresentava crítica perante a realidade brasileira, o que demonstrava consciente do atraso em que o país se encontrava (Candido, 1989). A partir de então o Regionalismo não se limitou a um estilo literário, com apenas com interesse em explicar o país por meio das suas regiões – ou seja, a nacionalização do regional – mas como uma preocupação frente às mudanças que ocorriam na Região Nordeste, culminando com a decadência dos engenhos de cana-de-açúcar e os efeitos políticos nesta Região (Chaguri, 2009).

Nota-se que na narrativa de José Lins do Rêgo o papel dinâmico atribuído ao patriarcalismo na reconfiguração do lugar da região e do sentido da tradição. Numa breve síntese, podemos dizer que à generalidade da formação social brasileira, dada pelo

patriarcalismo, corresponderiam conteúdos regionais diversos que, contudo, não alterariam a estrutura dessa formação social.

Assim, muitos intelectuais participaram do Movimento Regionalista, ocasionando exageros de um passado promissor da Região Nordeste com um novo olhar diante o presente nas décadas 20 a 40: “O Regionalismo recupera a trajetória das elites agrárias nordestinas, agora decadentes, procurando operar uma reconversão simbólica a partir das tradições culturais destas” (Chaguri, 2009, p 55), de maneira de tornar possível uma construção da narrativa nova pautada de forma exclusiva sobre a riqueza cultural da Região a colocando diante da crise econômica apresentando questões secundárias:

[...]a história aparece como a principal questão a ser enfrentada pelos regionalistas e será a base que sustentará a suas sugestões estéticas e estilísticas particularmente no que se refere a prosa de ficção. Assim a história da região será rememorada e contada a partir da recuperação do passado patriarcal realizado, por sua vez, a partir dos impasses colocados pelo presente[...] (Chaguri, 2009, p. 54-5)

Gilberto Freyre, sendo o líder do movimento regionalista, batizou esse movimento como “Regionalista, Tradicionalista e, a seu modo, Modernista do Recife” (Freyre apud Chaguri, 2009. p, 35). Sendo para ele “o Movimento do recife se caracteriza como um ‘esforço de renovação cultural’ visando encontrar genuinamente a identidade do brasileiro em termos culturais, voltando-se para a tradição e para povo” (Chaguri, 2009,p 37).

José Lins do Rego foi bastante influenciado por Freyre, pois com ele compartilhava suas opiniões e ideais, assim pode-se afirmar que o patriarcalismo pretendia ser a expressão concisa da forma social da sociedade brasileira. O romancista conclui esse conceito ao visualizar características comuns no povo do Nordeste e no povo do Centro do

Sul do Brasil: tendo em vista que o “brasileiro” nesses lugares, “um brasileiro com sua personalidade característica, sua originalidade, mas de uma mesma família, a pinta é a mesma” (Rego apud Chaguri, p. 49). Segundo Mariana Chaguri, a “pinta” a qual se refere

José Lins seria “dada pelas semelhanças entre o senhor de engenho e o estancieiro” (Chaguri, 2009 ,p. 49).

Numa síntese teríamos que à generalidade da formação social brasileira dada pelo patriarcalismo corresponderiam conteúdos regionais diversos que, contudo, não alterariam a estrutura dessa formação social. Nota-se assim que a articulação entre região, tradição e patriarcado está na base da compreensão de José Lins sobre o Brasil. (ibdem, 2009. p. 50. Grifo nosso)

José Lins concretizou grande parte do “fazer literário” como numa estética apresentada pelo Regionalismo, com grande avanço de “apreensão do presente por meio do passado” trabalhando a “tradição via região”. Então o Movimento Regionalista motivou a criação desta obra do autor por meio de um conhecimento causado por características especificamente do Brasil.

Note-se que a memória será o filtro que selecionará o que será lembrado, ou seja, por meio do artifício da memória serão unificados todos os dramas da decadência nordestina, dramas que são apresentados como vividos de modo semelhante por senhores, trabalhadores de eito, ex-escravos, sertanejos e cangaceiros, promovendo tal aproximação e equalizando os conflitos, abre-se caminho para recuperação do passado patriarcal como a autêntica tradição nacional (Chaguri, 2009. p. 58)

Nesta obra literária *Fogo Morto*, José Lins do Rego reproduz a estética do Regionalismo, de forma transparente apresenta o sofrimento de cada personagem, tais sofrimentos surgem pelas influências contidas nas transformações que os afetam, em graus diversos contidos nas relações patriarcais. Assim, mudanças modificam a personalidade dos principais personagens e que afetam o cotidiano na várzea açucareira paraibana; entretanto, aos olhos dinâmicos capazes de perceber à grande força tradicional do patriarcalismo se apresentando assim superior à força das transformações, sendo incorporadas e interpretadas em base de valores de maneira cultural e compartilhados. Nesse sentido, todo o roteiro do drama atribuindo, dessa forma, os conflitos originados vez em quando de questionamento outras vezes do desrespeito o que é bem visível intersubjetivamente na comunidade.

O DECLÍNIO DOS ENGENHOS DE CANA-DE-AÇÚCAR NORDESTINOS

Fogo Morto segue uma trajetória que visualiza além dos cenários casuais dos engenhos, apresenta contrastes de relevância importância que relata a percepção de fenômenos naturais e

das relações sociais, formando cenários socioeconômicos e ambientais. Enfatiza muito bem de forma contundente o trabalho de recuperação do passado, que atualiza o presente tornando-o inteligível, fazendo com que os romances do Ciclo da cana-de-açúcar se formem em duas temporalidades: o tempo da narrativa e o tempo vivido pelo autor. Sendo assim esta obra deve ser entendida em relação ao seu tempo, lugar, e à peculiaridade de seu criador, o autor mostra como narrador e narrativa constituem-se em um pedaço da história que projeta a memória desbravando a história das ideias e experiências vividas pelo o homem da época. A atividade açucareira foi um dos ciclos da economia brasileira, que foi marcado pela produção de açúcar por meio do cultivo da cana-de-açúcar aqui no Brasil. Essa atividade foi implantada pelos portugueses como parte de uma mudança na política de colonização da América Portuguesa.

O ciclo do açúcar se estendeu até o final do século XVII, quando entrou em decadência e foi substituído pelo ciclo do ouro. A produção do açúcar no Brasil ficou marcada pelo uso intenso da mão de obra escravizada, sendo que, inicialmente, os escravizados eram indígenas, mas progressivamente foram substituídos pelos africanos.

A produção de açúcar no Brasil entrou em decadência na segunda metade do século XVII, e isso teve relação direta com a expulsão dos holandeses do Nordeste brasileiro. Em 1654, os holandeses foram expulsos de Pernambuco, e a região foi retomada por Portugal. Entretanto, havia um forte interesse deles em manter essa atividade econômica.

Ao serem expulsos daqui, eles decidiram estabelecer a atividade em suas colônias no Caribe, e os ingleses e franceses fizeram o mesmo. A grande concorrência internacional fez com que o açúcar brasileiro perdesse sua lucratividade. Esse ciclo se encerrou quando os bandeirantes descobriram ouro em Minas Gerais, dando início ao ciclo do ouro.

Sendo a terra esterelíssima de tudo que se há mister para a vida humana; e não menos estéril a maior parte dos caminhos da minas, não se pode crer o que padecera[m] ao princípio os mineiros por falta de mantimentos, achando-se não poucos mortos com huma espiga de milho na mão, sem terem outro sustento”. (Antonil, 1711. Apud Boxer, 1969, p. 70)

Este livro é demonstração de moral dos conflitos sociais, determinando tais conflitos como lutas por reconhecimento. Assim existe uma forte articulação entre passado e presente se dando pela própria construção da narrativa. É possível identificar esse encadeamento nos romances do Ciclo da cana-de-açúcar para indicar certa linearidade – então o processo de

formação do herói Carlos de Melo da infância em Menino de engenho à vida adulta de Banguê – é possível notar que a narrativa sobre a meninice de Carlinhos não é apenas o período do esplendor do engenho de seu avô, o coronel José Paulino, pois o engenho vizinho, o Santa Fé do coronel Lula, é mencionado pelo menino como um Engenho de Fogo Morto, tema explorado neste trabalho.

Vale observar que a crise nos engenhos rearranjou a distribuição do uso na zona açucareira, mas não da posse da terra na zona canavieira do Nordeste, pois muitos dos engenhos ficaram de fogo morto, o que os limitou ao cultivo da cana, ou foram aforados, liberando parte das terras para que os trabalhadores pudessem botar roçado. Contudo, a forma de acesso à terra se deu de modos variados, de acordo com a subordinação social e política dos trabalhadores em relação ao grande proprietário.

Então a concessão do senhor e a dívida do morador passam para elementos intrinsecamente associados e partes integrantes do sistema de dominação que foi tanto a base de sustentação do poder econômico e político do senhor, quanto o eixo de sua resistência em relação ao avanço das usinas.

CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DOS PERSONAGENS NA TRAMA

“O mestre José Amaro” é um seleiro renomado em toda região, O Mesmo vive nas terras de propriedade de Seu Lula a favor. A dedicação do homem ao ofício consome a saúde, de tanto trabalhar com tintas.

Ser morador ou tornar-se morador significava se ligar ao senhor do domínio de uma maneira muito específica, numa relação que supunha residência e trabalho simultaneamente. A ênfase na residência, que o termo morar revela, tem um forte significado simbólico. [...] Ao pedir morada, quem o fazia já demonstrava não ter escolha melhor, para onde ir: não tendo meios de organizar sua existência social, vinha pedir ao senhor que os fornecesse, ou mesmo que a organizasse para si. Caiam assim sob a estrita dependência do senhor...

(GARCIA. 1989, p 39)

Devemos ressaltar que a relação entre Senhor e o morador não consistia em uma em submissão por terra cedida, porém era uma submissão autorizada com atividades específicas sobre o cultivo na terra, atividades essas que geravam ao morador apenas o sustento da família, ou seja, sua remuneração era apenas para o consumo do dia-a-dia.

“Não havia um arranjo único que determinava a relação senhor – morador, dependendo da história que a originou” (ibdem, 1943, p. 41). Assim, a essa relação estabelecida entre o personagem Mestre Zé Amaro e o senhor do engenho Santa Fé comportava a oferta dos seus serviços a como seleiro; nesse “contrato” estabelecido entre eles não havia menção ao pagamento de foro nem a obrigação de trabalho sazonal na plantação.

Para manter-se precisa de cumplicidade permanente, cumplicidade que a pratica do favor tende a garantir. [...] Essa cumplicidade sempre renovada tem continuidades sociais mais profundas, que lhe dão peso de classe: no contexto brasileiro, o favor assegurava às duas partes, em especial à mais fraca, de que nenhuma é escrava. (Schwarz, 1992, p. 8)

Havia assim, de um lado o senhor de engenho, que além de permitir o usufruto de sua terra pelo morador, é aquele que o ajuda generosamente em momentos de infortúnio (como doenças); do outro encontramos o morador que percebendo-se em dívida, antes moral do que econômica, com este senhor, oferece seus serviços como forma de retribuição. Então, o senhor, através da sua generosidade instaurava “dividas morais” que “ligavam os indivíduos a si numa relação de submissão” gerando a “esperança por novas recompensas” com em uma relação entre protetor x protegido (Garcia, 1989, p.42). No entanto, na relação de morador-senhor.

Havia um equilíbrio entre as solicitações recíprocas, entre as expectativas satisfeitas ou frustradas, que era necessário manter, e que constituía o motor da relação. A situação dos moradores não era homogenia, mesmo no interior de uma mesma propriedade. Cada relação concreta mostrava uma configuração de concessões e obrigações diferentes, que só se explica completamente pela história particular das trocas morador-senhor.

(ibdem,1943 p. 42)

“O Seu Lula”. O personagem Luís César de Holanda Chacon (Seu Lula), o contexto aqui apresentado demonstra um recuo no tempo em direção a época da construção do Engenho de Santa Fé. Seu fundador foi o capitão Tomás Cabral de Melo, quando à região, num sítio próximo ao engenho Santa Rosa, então construiu um dos maiores engenhos neste local, sendo privilegiado com grande respeito e a admiração de todos.

Ele era um homem sério e trabalhador, o capitão trouxera para a região gado de primeira ordem, escravos e a família. Construído seu imenso patrimônio, faltava a ele uma única realização: casar a filha – que toca piano e havia estudado no Recife – com um homem digno de sua educação. Rejeitando todos os pretendentes da região, por não terem os requisitos necessários, o capitão começa a se preocupar com a idade da filha e com sua condição de solteira.

Portanto chega do Pernambuco seu filho de Antônio Chacon, um homem de coragem e muito admirado pelo capitão. Seu nome é Luís César de Holanda Chacon. Elegante e estudante, sendo considerado pelo capitão Tomás um ótimo partido para a filha e para suas ambições.

No entanto após o casamento, o capitão nota que seu genro não tem interesse pelo engenho e passando entender que ele é um leseira (pessoa tola ou preguiçosa) para os negócios. Quando o capitão morre, essas suspeitas são confirmadas. Seu Lula, como passou a ser chamado, apresenta-se um senhor de engenho autoritário, que impõe ofensivos castigos aos escravos e lidera sua família e o engenho sem o talento nenhum para o trabalho do capitão Tomás. Assim o engenho passa pra decadência e, após a abolição da escravatura, os escravos abandonam o engenho, deixando de produzir açúcar (tornando-se “fogo morto”).

Sendo autoritário e comandando tudo com intolerância, Seu Lula proíbe sua filha Neném de namorar um rapaz de origem humilde, assim a moça passa a ser motivo de chacota na cidade. Depois de um ataque epilético, Seu Lula passa a se inclinar para à religião pela a influência do negro Floripes. Enfim, acaba gastando todo seu dinheiro que outrora havia recebido de seu sogro como herança. Esta parte do livro termina com a frase “Acabara-se o Santa Fé”.

“O Capitão Vitorino” é uma personagem que vaga nas estradas, como um cavaleiro errante, ao mesmo tempo ostentando um poder e uma dignidade que está longe de possuir, parecendo como uma paródia de Dom Quixote de La Mancha. O capitão vive, assim como Mestre José Amaro e Seu Lula, numa realidade muito diferente da que tenta transparecer.

Num dia, o capitão Antônio Silvino invade o engenho Santa Fé depois saquear a cidade do Pilar. Ao tentar proteger o engenho, Capitão Vitorino é agredido. Porém, ele é salvo com a intervenção de José Paulino. Quando a polícia, todos são presos. Depois de ser liberado, Vitorino pensa em seguir carreira política na região.

Tabela 1

| Personagens | Características |
|--|---|
| Mestre José Amaro | É branco e sente-se orgulhoso por isso é explorado por seu patrão, mas sabe que não tem alternativa. Trabalhador livre, têm coragem e apoio do cangaço. |
| Seu Lula (Lúis César de Holanda Chacon) | Preguiçoso e autoritário, acaba perdendo toda a herança que recebeu e arruinando o Engenho Santa Fé. Após perder tudo, refugia-se na religião. |
| Capitão Vitorino Carneiro da Cunha (Papa-Rabo) | É o defensor dos mais pobres e dos oprimidos. Embora plebeu, por ter parentesco com o Coronel José Paulino, diz-se capitão. |
| Coronel José Paulino | Poderoso senhor de engenho. |
| Sinhá e Marta | Respectivamente mulher e filha do Mestre José Amaro. |
| Amélia | Esposa do coronel Lula. |
| Adriana | Esposa do Capitão Vitorino. |
| Capitão Antônio Silvino | Chefe dos jagunços que atemorizam os senhores de engenho e políticos da região, lembra a figura do lendário Lampião. |

| | |
|------------------|--|
| Tenente Maurício | Chefe das tropas do governo, é antagonista do Capitão Antônio Silvino. |
|------------------|--|

É importante salientar que as personagens centrais de cada parte de *Fogo morto* são tipos de um tempo em que as coisas giravam em torno dos senhores de terra e, portanto, de uma sociedade patriarcalista e violenta. Podem ser assimiladas como “fantasmas” perdidos numa outra ordem social, marcada pelo advento da tecnologia das usinas que substituem a mão de obra dos engenhos da cana-de-açúcar. Por essa razão, “fogo morto” é uma expressão regionalista cujo significado é engenho desativado, abandonado. Outro componente importante é a linguagem regional do interior da Paraíba, muito bem articulada por José Lins do Rego, que insere palavras utilizadas pelas próprias personagens em suas conversações cotidianas.

VALORES ÉTICOS, MORAIS E RELIGIOSOS DE CADA PERSONAGEM DO TEXTO EM QUESTÃO

O Mestre José Amaro é o morador do Engenho Santa Fé: mora, desde criança, em terra do senhor do engenho, sendo sujeito a esse. Sua residência corresponde a um pequeno terreno onde fica sua casa, a barraca de seu trabalho, uma enorme pitombeira, as criações de galinhas e bode, tendo um pequeno jardim. Vivem nesta casa, com o Mestre José Amaro, sua mulher D. Sinhá e sua filha Marta. Casa localizada na beira da estrada que liga ao engenho e pequena Vila do Pilar. Seu Zé Amaro aprendeu a profissão de seleiro com o pai, que pediu morada ao primeiro senhor de engenho. É nessa terra que se encontra fundada sua casa é enraizada sua identidade.

José Amaro está sempre em sua barraca, preparando com raiva as solas, debaixo da pitombeira. Com uma aparência assustadora, acredita-se que seja enfermo com “doença do fígado” de tanto manusear com couro alterando a cor da pele e olhos amarelados, tinha barba e cabelos grandes. Enquanto ele trabalha, sua mulher e filha fazem os serviços domésticos da casa e cuidam dos animais. Apesar de ser “sujeito”, Mestre Zé tem muito orgulho, apresentando certa autonomia estranha ao povo dali. Não aceita ser mal tratado, ou como diz,

“pisado” por ninguém, nem mesmo por senhor de engenho; não aceita ser tratado no grito, pois isso lhe remete, ao tratamento destinado a escravo. Assim, diz a todos que param em sua porta que não abaixa a cabeça para ninguém.

Esgotou seu gosto pelo trabalho de seleiro porque só fazia serviços para “camumbembes”, mas seu pai fez cela que foi dada de presente ao imperador. Detém uma grande mágoa de não ter tido um filho. E por isso culpava sua mulher, a quem culpava por seus desgostos, deu-lhe uma filha leseira, que já tinha 30 anos e não se casou. Possuía mágoa também por pertencer à “bagaceira” do engenho Santa Fé e que o senhor do engenho apenas lhe tirava o chapéu quando passava pela estrada em seu cabriolé cheio de luxo, sem nunca parar para saber como “iam as coisas” – não pagava foro, mas gostaria de ser reconhecido, pois “pobre também é gente”. (*Fogo Morto*, 1970, p. 29)

O Mestre Zé sente, por dessas mágoas, o peito repleto de desgosto e angustia, sendo constantemente invadido por uma tristeza que não consegue demonstra ou explicar PR ninguém. Começa a responder desafortadamente a todos aqueles que param em sua em sua presença. O povo que mora ao redor estranha muito aquela atitude, pois pessoas “normais” não fazem esse tipo de coisa e assim espalha-se o boato de que ele é um lobisomem, por inclusive ter uma aparência medonha com a barba e cabelos grandes além do amarelo da pele e dos olhos. A alcunha de lobisomem pode ser interpretada como um símbolo que remete a forma “selvagem” com que se comportava, em seu falar “duro”. O lobisomem representa aquilo que não é humano e assim que não pertence aquele grupo por se desviar da conduta entendida como “normal”.

– Sou homem velho, estou nesta idade e nunca vi uma criatura como o mestre. É um gênio terrível, é um falar duro com todo mundo. É. Sinhá Adriana (esposa do personagem Vitorino), o povo quando malda tem coisa. [...] – Mas, como lhe dizia, Sinhá Adriana, o mestre José Amaro esta fazendo medo ao povo. A negra Margarida tem visto ele solto pela noite, desarvorado como um demente. O que é que quer um homem assim, nas caladas da noite? (*Fogo Morto*, 1943. p. 91 – 92)

José Amaro, diferente do povo que vive na várzea, apresenta autonomia em sua forma de pensar, entende-se como livre para decidir para quem trabalha e o destino da própria vida. É orgulhoso e não aceita ser tratado como qualquer um. Odeia o Capitão José Paulino,

senhor do engenho Santa Rosa, porque este gritou com ele como se fosse negro cativo em meio a um serviço que prestava: em defesa de seu orgulho não terminou o serviço e jurou nunca mais trabalhar para este homem.

- É encomenda do Santa Rosa? Pois meu negro, para aquela gente eu não faço nada. Todo mundo sabe que não corto uma tira para o Coronel João Paulino. Você me desculpe mas é juramento que fiz.

- Me desculpe, seu mestre, respondeu o carreiro, meio perturbado. Não sabia da diferença de vosmecê com ele.

- Pois fique sabendo. Se fosse pra você, eu dava de graça. Pra ele nem a peso de libra. É o que digo a todo mundo. Não aguento grito. Mestre José Amaro é pobre, é atrasado, é um lambe-sola, mas grito não leva. (*Fogo Morto*, 1943, p. 9)

Ser tratado dignamente é importante para o mestre, pois, significa ser reconhecido de forma justa e honesta, como “gente de verdade” e não como “algo” próximo de um escravo. Porém, mesmo demonstrando não se aceitando as hierarquias, que normativamente legitimadas, notamos que sua aparente “autonomia” não detém muito da estrutura patriarcal, por não gostar de pertencer a “bagaceira” de Santa Fé, ver os atributos luxuosos do senhor do engenho, Coronel Lula e sua esposa, como algo contra o senhor do engenho Santa Rosa – cabriolé e esposa educada em Recife x um simples cavalo e uma esposa igual a todas as outras.

Capitão Vitorino (junto ao Mestre Zé e Coronel Lula de Holanda constituem à tríade de personagens principais desse Romance, envolve-se numa chapa política de oposição ao Coronel José Paulino. Busca convencer mestre Zé pra votar e este lhe responde que as eleições estão ainda longe. Mas, Vitorino fala ao Coronel Lula como se o mestre tivesse lhe garantido o voto. Por se preocupar em ter associado a si alguém que votaria contra aquele que comanda a Vila do Pilar, Lula pede para seu “afilhado”, o negro Floripes, transmitir ao Mestre Zé sua desaprovação a este apoio.

- Seu Floripes, pode dizer ao Coronel que o mestre José Amaro não é escravo de homem nenhum. Eu voto em quem quero. O meu compadre Vitorino me falou neste negócio de eleição e eu nem sei mesmo o que é que ele quer. Não vou atrás de cabeça de doido. (*Fogo Morto*, 1943, p. 31)

Zé Amaro se ofende tanto pelo fato de que o senhor do engenho não foi tratar pessoalmente sobre o assunto, quanto pelo fato dele querer “mandar” em seu voto: resolve-se então não trabalhar mais no Santa Fé. No momento em que Mestre Zé decide romper com

o senhor de engenho. Em busca de fazer com que todos percebam seu orgulho e sua liberdade, o seleiro demonstra, passa a mensagem de que não acredita no poder que o senhor de engenho possuiria sobre ele.

O Coronel Lula fica sabendo através do negro Floripes que o mestre disse que não realizaria mais trabalhos para o engenho, do mesmo modo há comentários que fizera desqualificando o comportamento do povo da casa grande. Estas ações são interpretadas pelo senhor como ofensa. Floripes tenta prevenir o seleiro a respeito desses boatos e do fato de que o Coronel Lula não estava satisfeito, mas o mestre reage agressivamente espantando o negro. Enquanto afirma seu apoio ao cangaceiro Antônio Silvino ao dizer que é o único homem em quem votaria. Mesmo ciente da insatisfação de Lula, o seleiro não volta atrás em sua decisão de romper com o povo do engenho Santa Fé de forma que não permite que ninguém em sua casa realize nenhum tipo de serviço para eles. Enquanto esse conflito se desenrola, sua filha tem ataques de loucura. Para o terror de sua mulher, a cada ataque, mestre Zé “surra” a filha com sola por acreditar que só assim ela sairia do transe em que se encontrava. Sinhá não aceita o comportamento do marido e se ressentiu evitando-o.

Por meio de Alípio, um contrabandista de aguardente, José Amaro tem a oportunidade de ajudar o Capitão Antônio Silvino e seu bando de cangaceiros. O nome do cangaceiro possuía muito poder sobre o seleiro de forma que lhe afastou toda a mágoa que estava sentindo, este homem lhe representava um herói: “Era seu vingador, a sua força indomável, acima de todos, fazendo medo aos grandes” (*Fogo Morto*, 1943, p. 57-58).

Diante disso, o medo que as pessoas apresentam ao encontrar o seleiro causa-lhe tristeza e humilhação: “Apagou a luz e mergulhou num pavor que nunca tivera. Estaria mesmo em ponto de atemorizar o povo?” (*Fogo Morto*, 1943, p. 61). Mas nesses momentos capitão do cangaço salva-lhe nos pensamentos, tornou-se a razão de sua vida até seus últimos dias. A encomenda de alpargatas para o bando, que ele faria de graça, lhe fez recobrar o gosto pelo ofício, pois estava trabalhando para o homem que considerava mais importante da Paraíba. Ajudar Antônio Silvino representava ajudar aquele que era o “senhor dos senhores de engenho”.

Ele matava galinha e dava para o Capitão Antônio Silvino que mandava em toda a cambada de senhores de engenho [...] O velho José Paulino dera um banquete ao Capitão

Antônio Silvino. Disseram até que a filha do grande servira a mesa, como se fosse ama dos cangaceiros. Sinhá torrava duas galinhas pro homem que ele mais admirava neste mundo. (*Fogo Morto*, 1943, p.72)

O Mestre Zé é um sujeito que não aceita seu status de sujeição ao senhor de engenho, acreditando ser um homem livre. Para tornar real, ele precisava que as outras pessoas o reconhecessem como um homem que trabalha pra quem quer e faz o que desejar sem precisar prestar satisfação a ninguém. No entanto suas atitudes, que visavam concretizar sua liberdade, arrastam-no para conflitos em que a estrutura patriarcal se faz sentir de forma tão forte que destrói a imagem que ele havia construído de si mesmo. E sabemos que o conflito aberto e marcado pela representatividade de opiniões é, sem dúvida alguma, um traço revelador de um igualitarismo individualista que, nesta situação, se choca de modo violento com o esqueleto hierarquizante. (Damatta, 1992)

Apesar de seu esforço para escapar dessa estrutura hierarquizante, seu “vocabulário” conformado segundo a gramática moral vigente, o que podemos perceber com a relação que este estabelece com o cangaceiro Antônio Silvino: ao romper com um senhor de engenho fraco e injusto, ele estabelece uma nova relação de protetor x protegido com o cangaceiro que, como ele mesmo denomina, é “o senhor dos senhores de engenho”; ou seja, ele enxerga no cangaceiro a representação de um senhor mais justo e muito mais poderoso do que todos os outros

Mestre Zé é finalmente convocado ao Santa Fé onde o Coronel Lula lhe confronta com questões a fim de reafirmar a assimetria da relação entre ambos, com o intuito de se refazer da ofensa que o comportamento do seleiro causara, ao tempo em que também coloca o mestre Zé no lugar que lhe é devido naquela sociedade. Conforme nos demonstra Roberto DaMatta, o Coronel necessitou evocar o que chama de “ritual do sabe com quem esta falando” para colocar “cada qual no seu lugar”, denunciando assim um sistema social extremamente preocupado com a hierarquia e autoridade. (Damatta, 1992, p.184). Ao perceber que a investida não tem o efeito que desejava, o senhor de engenho apela para a expulsão do seleiro das terras, fazendo valer sua autoridade. A recusa do mestre em trabalhar no engenho e os comentários que fizera a respeito do povo da casa grande configuram a expulsão como justificada e necessária para que o senhor de engenho se refizesse da ofensa sofrida. Pois tais atitudes violaram as normas implícitas do contrato social vigente.

O Capitão Antônio Silvino intervém na defesa do morador, intimidando o Coronel Lula e conseguindo a palavra de que o deixaria continuar a viver naquelas terras. No entanto, a Tropa do Tenente Maurício (que perseguia o capitão cangaceiro) desconfia do envolvimento do mestre com o “bando”. Ele é preso e torturado. Sua mulher que levou a filha para ser internada, foi morar no Recife com um parente, abandonando-o. Ao fim de todos estes eventos, a identidade do Mestre Zé se encontra despedaçada de tal forma que o suicídio é a solução para sua dor.

Podemos perceber os três níveis de desrespeito da Teoria de Axel Honneth. Com o abandono de sua família lhe foi negada a segurança oriunda do afeto dos seus entes mais íntimos, abalando sua autoconfiança. Os boatos de ser um lobisomem resultam em uma espécie de “morte social” por ser excluído pela comunidade que não o reconhece como um membro.

Sabia que a sua mulher fugira, correrá dele, naquela noite. E agora eram os meninos. Brincavam com Vitorino, buliam com o velho, eram cruéis com o pobre. Mas dele fugiam, Ele fazia os meninos correrem com pavor. O seleiro apalpou o rosto intumescido, sentiu nas mãos grossas a carne inchada do rosto. Que diabo andava por dentro dele para provocar pavor, encher o povo de medo?(*Fogo Morto*, 1943, p. 119)

A autonomia que acreditava ter é negada com a expulsão do engenho: percebe que não é livre porque não é dono da terra em que vive e sua expulsão foi a represália por suas falas e atitudes que acreditava caracterizar sua “liberdade”. Dessa forma o seleiro sofre lesão tanto em sua autoestima quanto em seu auto respeito, ou seja, o direito de ser livre é negado e, conforme as normas, socialmente inválido. A “surra” que leva da “Tropa” serve como um “golpe” final em sua identidade, pois percebe não possuir nem mesmo controle ou segurança garantida sobre o próprio corpo. A sucessão de eventos evidenciou os laços que prendiam o personagem aos outros, numa complexa rede de relações normativamente organizada pelos valores patriarcais, que invadem muitas das esferas de sua vida; ele que sempre acreditou que não precisava de ninguém, é pressionado pela estrutura normativa, num processo que o leva a entender que sem o reconhecimento dos outros ele não seria nada do que imaginava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra *Fogo Morto*, são representadas as nuances, os pequenos detalhes que enfatizam todo o cotidiano de uma comunidade modesta, como aquela, sendo caracterizado um “mundo” em forma de livro, este é um clássico na totalidade ao alcance das mãos; essa característica lhe propiciou as mais diferentes abordagens sociológicas. Demonstrando as experiências de vida do autor quando morou no engenho de seu avô e em conseqüente contato com as variadas classes sociais, serviram como fonte de inspiração para a elaboração de seus romances: o mesmo procurava representar em suas obras a vida como é vivida. O contexto de fatores que contribuíram de forma consciente ou inconscientemente pelo qual o autor resultou em um mundo que, apesar de acessível e contido em um livro, não nos decepciona em representar, com requinte, as complexas relações sociais, quando a ficção se torna como um espaço para reflexão da realidade.

Dessa forma, não há exagero em dizer que por meio de sua obra conseguimos acesso a “consciência coletiva” da sociedade do engenho, salvaguarda da concepção de que a obra é um “retrato” fiel àquela realidade. Percebe-se por meio do personagem Mestre Zé Amaro, as contradições e conflitos gerados no ambiente social causado pela qualidade de ser um morador, mas que não aceitava seu status de sujeição, de ser um homem livre preso às convicções normativas. Isso foi possível por meio do contexto apresentado na obra e do autor em diálogo com outras obras que complementaram essa gama de valores culturais que organizavam e legitimavam aquela estrutura hierárquica entendida como patriarcalismo.

Portanto, através da obra *Fogo Morto*, e mais especificamente, através do estudo de seus personagens, procuramos compreender de que forma José Lins realiza a interposição entre o presente e o passado, vemos que, o que o motivou a criar a trama e os personagens da forma como fez. Percebemos o ponto que a tríade de personagens principais que compartilham suas características de não se encaixarem nos padrões sociais daquela sociedade organizada de acordo com os valores e normas patriarcais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco**. 2. ed. João Pessoa: Ed. da UFPB, 1984. Disponível: <https://periodicos.urn.br>. Acesso em: 20 jan 2022.

BOXER, Charles R. **A idade de ouro do Brasil: dores de nascimento de uma sociedade colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Disponível: <https://bdor.sibi.ufrj.br>.

Acesso em: 06 fev 2022.

CARVALHO, José Murilo de. 2005 (2001). **Cidadania no Brasil – o longo caminho**. 7ª ed. Disponível: <https://necad.paginas.ufsc.br>. Acesso em: 10 fev 2022.

CHAGURI, Mariana. **O Romancista e o Engenho: José Lins do Rêgo e o regionalismo nordestino dos anos 1920 e 1930**. Ed. Hucitec. São Paulo, 2009. Disponível: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86826041012>. Acesso em: 20 março 2022.

CORDEIRO, Carla de Fátima. **Sinhás, donas, mães, filhas e esposas: as mulheres no romance regionalista de José Lins do Rego**. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, Agosto 2008. Disponível: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br> Acesso em: 15 abril 2022.

DAMATTA, Roberto. "Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil". in: "**Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**" (6ª ed.). Rio de Janeiro: Rocco, 1997. pp.179-248. Disponível: <https://www.velhaeconomia.com.br/2021/02/resenha-carnavais-malandros-herois.html>. Acesso em: 15 maio 2022.

FREYRE, Gilberto. **Alhos e Bugalhos: ensaios sobre temas contraditórios: de Joyce Cachça; de José Lins do Rego ao cartão-postal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. Disponível: <https://ihgb.org.br>. Acesso em: 28 maio 2022.

GARCIA JR, Afrânio Raul. **O Sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social.** São Paulo, Editora Marco Zero e Editora UNB, em co-edição com o MCT CNPq, 1990. Disponível: <https://www.livros.unb.br>. Acesso em: 09 jun 2022.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção.** Rio de Janeiro: Imago, 1991. Disponível: <https://dl1.cuni.cz>. Acesso em: 25 jun 2022.

REGO, José Lins do. **Fogo Morto.** Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 10^a ed, outubro 1970. Disponível: <https://dynamicon.com.br>. Acesso em: 18 jul 2022.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me conceber sabedoria para continuar firme durante essa caminhada.

Ao meu orientador, Fábio, por toda dedicação e paciência. .

À minha mãe, Lindineide e ao meu pai, Antônio, que me auxiliaram para que durante essa caminhada eu não desistisse.

As minhas amigas Ridânia e Talita que sempre me apoiaram e estão sempre ao meu lado.

Aos meus colegas de turma, Thaís, Israel, Derliane e Daiane, por sempre me ajudar.